

# *Leitura de especialistas*

---



Este capítulo contém as comunicações de três jornalistas que participaram numa conferência organizada no dia 18 de maio de 2010 pela Licenciatura em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona. Jornalistas de órgãos de comunicação social não confessionais, que habitualmente acompanham a vida da Igreja e a temática religiosa, foram convidados a fazer a leitura da visita do Papa a Portugal. No caso de António Marujo, o texto que se apresenta é uma versão posteriormente publicada na revista *Viragem*, do Metanóia – Movimento Católico de Profissionais –, e foi baseado num artigo publicado no jornal *Público* de 15 de maio de 2010.

## Dez sinais da visita do Papa

por ANTÓNIO MARUJO, jornalista do *Público*

1. A viagem de Bento XVI a Portugal pode ficar marcada por várias declarações e acontecimentos. Desde logo, o aspecto emotivo: foi perceptível para todos que a imagem do Papa junto das pessoas se foi alterando à medida que a viagem decorria. À chegada a Lisboa, dia 11 de maio, Bento XVI era ainda, para muitos, alguém distante e frio, sem capacidade de comunicar. Ao aproximar-se das crianças na Praça do Comércio e ao falar aos jovens na varanda da Nunciatura em Lisboa, essa imagem mudou. O que foi perceptível na forma como a multidão dele se acercou em Fátima e no calor com que foi recebido no Porto.

Este é apenas um aspeto superficial, mas interessante. Em tempos de globalização, a experiência das pessoas – e sobretudo dos jovens – passa também pelo coletivo. A fé pode ter também essa dimensão de festa e de grande grupo. Não sendo o aspeto decisivo da vivência do cristianismo, ele não deixa de ser significativo para muitos crentes. Por isso, também para Bento XVI, esta viagem a Portugal foi o que de melhor podia ter acontecido nesta altura. O porta-voz do Vaticano, padre Federico Lom-

ANTÓNIO MARUJO / MANUEL VILAS-BOAS / ROSÁRIO LIRA

bardi, referiu-se à “participação extraordinária” das pessoas, à “grande serenidade e alegria, e uma óptima saúde” do Papa, “que se podia ver pela sua expressão radiosa”.

2. Para isto, terá também contribuído a forma como Bento XVI secou, ainda no avião, a presença recorrente do tema da pedofilia na comunicação social, com as suas declarações: “Os sofrimentos da Igreja vêm justamente do interior da Igreja, do pecado que existe na Igreja. Também isso sempre foi sabido, mas hoje vemo-lo de um modo realmente terrificante: que a maior perseguição da Igreja não vem de inimigos externos, mas nasce do pecado na Igreja, e que a Igreja, portanto, tem uma profunda necessidade de reaprender a penitência, de aceitar a purificação, de aprender por um lado o perdão, mas também a necessidade de justiça.”

Estas afirmações deveriam ser evidentes para todos os crentes, mais ainda para os responsáveis da instituição. Se sabemos que o pecado habita a Igreja, mais essa consciência deveria existir. Não parece ter sido assim nesta crise. Pelo menos, para vários responsáveis do Vaticano, que viram na divulgação de notícias dos casos de pedofilia uma campanha contra a Igreja. Não sou ingénuo a ponto de ignorar que há quem queira alimentar ou amplificar determinadas realidades. Mas não é essa a questão principal nem é isso o que interessa enfrentar nesta crise.

Os responsáveis católicos que assim falaram esqueceram, aliás, factos elementares e importantes como o ter sido a Conferência Episcopal Alemã a criar uma comissão que investigou os casos que, nos últimos meses, vieram a público naquele país. Essa atitude dos bispos alemães coincide com o que o Papa quis dizer: só uma consciência do próprio pecado pode levar a Igreja (e cada crente) a purificar-se. Convém, por isso, aprender com Bento XVI.

3. Outra declaração importante, feita logo à chegada, foi a de que a instauração da República trouxe um “espaço novo de liberdade” à Igreja. Muitos crentes teimam em olhar para esse acontecimento apenas como um episódio mais de perseguição. A declaração do Papa, a poucos meses da comemoração do centenário, coloca a questão no seu devido lugar. E espera-se que pacifique de vez a relação dos católicos com o regime instaurado em 1910.

4. Uma visita de um Papa a um país permite apenas a comunicação unidireccional. Bento XVI veio, pronunciou discursos, saudações e homilias, foi saudado em cada encontro por alguém representativo e foi escutado, mal ou bem, pelas pessoas que acorreram às iniciativas. Este tem

sido o modelo das viagens papais, já desde há muitos anos. Longe vão os tempos das primeiras deslocações de João Paulo II, quando, nas intervenções com que era saudado, o Papa Wojtyla escutou chamadas de atenção para aspectos que os leigos ou os responsáveis das comunidades locais consideravam importantes.

Com o tempo, as razões de segurança sobrepujaram-se às da comunidade. Mesmo se Bento XVI surpreendeu em Lisboa, Fátima e Porto, aproximando-se das pessoas por diversas vezes, isso não é suficiente para que o Papa possa perceber sentires mais profundos das comunidades. Num modelo, tantas vezes citado, de Pedro que visita as comunidades locais, ou de Paulo que viaja a anunciar o Evangelho, seria importante recordar que os apóstolos também ouviam o que os crentes tinham a dizer. A comunicação que chega ao Papa não pode ser, apenas, filtrada sucessivamente através dos canais hierárquicos e da Cúria Romana. Há formas criativas de o fazer, correspondendo desse modo a uma visão mais colegial da Igreja, que resulta dos documentos do Concílio Vaticano II.

5. Nesta visita de Bento XVI a Portugal, faltou promover um encontro com as minorias religiosas, que mereciam essa atitude e essa proposta da parte da Igreja Católica. Essa hipótese foi remediada com convites para o encontro com a cultura no CCB. É certo que o clima inter-religioso em Portugal é simpático, acolhedor e cordial, e esse poderia ser o testemunho que o país poderia dar, através dos meios de comunicação internacionais. Mas falta também, no nosso país, um verdadeiro processo de diálogo, cuja responsabilidade mais importante cabe, neste caso, à maioria. Num país que conhece há anos uma cada vez maior diversidade cultural e religiosa, seria importante que os católicos soubessem estar na frente, na capacidade de lançar processos de diálogo com as minorias religiosas que fazem parte, cada vez mais, da realidade religiosa portuguesa.

6. Foi pena que, no encontro das instituições de acção social da Igreja, as únicas palmas que se tenham escutado tenham sido para as alusões do Papa ao aborto e ao casamento homossexual. Provavelmente, muitos participantes escutaram mal – à semelhança do que aconteceu em alguns meios de comunicação: o Papa não fez uma enésima condenação do aborto, antes elogiou os que “procuram lutar contra os mecanismos socioeconómicos e culturais que levam ao aborto e que têm em vista a defesa da vida e a reconciliação e cura das pessoas feridas pelo drama do aborto”. Se está implícita a doutrina tradicional da Igreja sobre o tema, a frase vai antes numa linha mais positiva e de apoio às pessoas que so-

ANTÓNIO MARUJO / MANUEL VILAS-BOAS / ROSÁRIO LIRA

frem o “drama” do aborto – um discurso menos vulgar na Igreja. Por isso, naquela afirmação, cada palavra é importante.

7. Teria sido positivo ouvir do Papa uma referência mais circunstanciada à actual crise económica e à responsabilidade do sistema financeiro, na linha da sua última encíclica. Aliás, essa referência estaria de acordo também com alguns dos apelos de Bento XVI a um maior empenhamento dos cristãos. Na missa do Terreiro do Paço, em Lisboa, o Papa afirmou que a prioridade da Igreja católica deve ser “fazer de cada mulher e homem cristão uma presença irradiante da perspectiva evangélica no meio do mundo, na família, na cultura, na economia, na política”. No encontro com agentes culturais, no Centro Cultural de Belém, Ratzinger referiu: “Há toda uma aprendizagem a fazer quanto à forma de a Igreja estar no mundo, levando a sociedade a perceber que, proclamando a verdade, é um serviço que a Igreja presta à sociedade, abrindo horizontes novos de futuro, de grandeza e dignidade.”

Esta presença da Igreja na sociedade deve passar pelo diálogo: na homilia da missa nos Aliados, no Porto, o Papa afirmou: “Nada impomos, mas sempre propomos.” E referindo os “enormes problemas do desenvolvimento dos povos, que quase nos levam ao desânimo”, admitiu: “Alterou-se o quadro antropológico, cultural, social e religioso da humanidade; hoje, a Igreja é chamada a enfrentar desafios novos e está pronta a dialogar com culturas e religiões diversas, procurando construir juntamente com cada pessoa de boa vontade a pacífica convivência dos povos.”

8. O encontro do Papa no Centro Cultural de Belém, com os agentes culturais, mostrou um Papa preocupado com a modernidade, com o diálogo intercultural, com a arte e com a busca das possibilidades de encontro. Este encontro abriu possibilidades novas num caminho que a Igreja em Portugal tem sabido percorrer. Os exemplos do trabalho de algumas dioceses (Beja, nomeadamente), dos secretariados da Cultura e dos Bens Culturais, bem como de iniciativas mais locais como a Capela do Rato, com o projeto de diálogo entre a Igreja e a arte contemporânea, são indicadores desse caminho que é importante desbravar ainda mais.

9. Uma viagem de um Papa pode deixar consequências? A avaliar pelas anteriores, serão poucas. Nas últimas décadas, a Igreja em Portugal já se envolveu em congressos de leigos e na reabilitação das semanas sociais; na pastoral do domingo e na da família ou em sínodos diocesanos. Mas devemos perguntar que frutos deram todas estas iniciativas e as suas conclusões (quase sempre cheias de boas intenções, mas sem capacidade

de prospetiva e de programação eficaz). Um dos problemas sérios da Igreja em Portugal (tal como do País) é a incapacidade de aprender a trabalhar com objetivos a médio prazo, e com a programação das respetivas dinâmicas e estratégias. Sabemos o que se quer daqui a dez anos? Mais pessoas nas missas? Mais pessoas capazes de viver o essencial da mensagem do Evangelho, na política e na economia, como o Papa referiu? Ou o quê? Andar ao sabor dos ventos, de modas ou do improvisado pastoral não é, certamente, o melhor caminho.

10. Na passagem de Bento XVI pelo Porto, o Papa deixou um apelo ao desassossego: “Se esta certeza [da presença de Jesus] nos consola e tranquiliza, não nos dispensa de ir ao encontro dos outros. Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter, de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo, que aliás só pode ser missionária, no movimento expansivo do Espírito. (...) Aguardam por nós não apenas os povos não cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos socioculturais e sobretudo os corações que são os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus.”

## Um Papa alemão sob os céus de Portugal

por MANUEL VILAS-BOAS, jornalista da TSF

A capital portuguesa, ainda que engalanada, assistiu com relativa passividade à chegada de Bento XVI, apesar da organização exemplar desta visita nas mãos de D. Carlos Azevedo, bispo auxiliar de Lisboa.

Não sobraram multidões nem em Belém, nem nos Jerónimos, memória das caravelas, nem nos interiores da cidade, por onde passou o papamóvel. Foram até mais os incómodos do trânsito... Ao final da tarde do primeiro dia, a contagem era corrigida para uma vasta multidão de fiéis, na ordem dos 130 mil participantes na missa concelebrada, no renovado Terreiro do Paço, alçado de reis espanhóis, lugar da morte de judeus e de rituais maçónicos. Um altar de requintada estética no Cais das Colunas, sobre o azul do Tejo, guardado por barcos da história, recebeu o séquito papal. Bento XVI recordou na homilia a herança dos missionários de outras eras e, em desafio à esperança, deixou o nome dos santos que nasceram ou habitaram a capital do reino, de S. Vicente a S. João de Brito, passando por S. Nuno de Santa Maria. Aos católicos, pediu, ao mesmo tempo, empenho na política e na economia. Pela noite, uma serenata da invenção dos jovens, obrigou o Papa teólogo a espreitar à janela da Nun-

ANTÓNIO MARUJO / MANUEL VILAS-BOAS / ROSÁRIO LIRA

ciatura, onde se ouviram vozes do fado e cantos espirituais. “Deixem-me dormir que amanhã é dia de trabalho!”

### *Diálogo com a Cultura*

O mais laico dos encontros desta visita papal levou no segundo dia ao CCB a elite cultural do País. Mais de mil personalidades ouviram dizer ao Papa que é urgente que a Igreja perca a inibição perante a verdade e faça as pazes com a arte contemporânea. O cineasta Manoel de Oliveira, nos seus andados 101 anos, confessou a transcendência da arte que o cinema consente. Muitos homens e mulheres da cultura portuguesa viram, surpreendentemente, um Papa guardador das artes e da beleza, mais próximo, mais simpático e mais dialogante.

Já em Fátima, Bento XVI recolhe-se em oração na Capelinha das Aparições, onde evoca o seu antecessor, João Paulo II, que ali deixou sinais do atentado, a bala que Ali Agca disparou sobre o Papa polaco, a 13 de maio de 1981 e que está incrustada na coroa da Virgem da Cova da Iria. De seguida, o Papa toca a igreja da Santíssima Trindade, sem dúvida, o mais belo templo moderno da Europa, que recebia também o maior número de sempre de padres, religiosos, religiosas e seminaristas portugueses, envoltos no canto solene das Vésperas. As palavras do Papa traziam, em fundo, a radicalidade evangélica e a exigência da transparência e da lealdade de quem entrega a vida à vida dos outros.

A 13 de maio, na comemoração dos 93 anos das aparições, e já em plena tolerância de ponto, contestada e aplaudida, o santuário volta a transcender-se com multidões de peregrinos vindos dos quatro cantos do mundo. Bento XVI colocou, outra vez, a esperança por dentro da cidade humana, nem sempre preocupada com a felicidade dos outros. “Onde está Abel, teu irmão?”, disse o Papa, referindo-se à interrogação maior do livro do Génesis. A sete anos do centenário das aparições, Bento XVI avisou que Fátima não concluiu ainda a sua “missão profética”.

### *Uma atuação independente da política e das ideologias*

Um encontro inédito nesta visita papal ocorreu de novo na igreja da Santíssima Trindade, no final do terceiro dia. Mais de oito mil homens e mulheres das organizações da Pastoral Social perfilaram-se diante do Papa, com o Bom Samaritano como ícone das palavras. A “civilização do Amor”, na opinião de Bento XVI, tem de ser construída “ao arrepio da lei do mais forte e do lucro fácil e fascinante”, caucionada “pela autonomia e independência das políticas e das ideologias”. Quem está por dentro



desta pastoral, do melhor que a Igreja possui, terá notado a falta de olhares sobre a atualidade da crise nacional e internacional. Nunca é demais a denúncia na defesa dos pobres e oprimidos.

Andava em grande expectativa o encontro do Papa com os bispos portugueses, depois do discurso duro, proferido há três anos no Vaticano, durante a visita *ad limina*, obrigatória à sede do catolicismo, de cinco em cinco anos. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Ficaram advertências importantes à criação de um “laicado maduro”, capaz de se bater, na sociedade, em “dimensão profética e sem mordanças”, contra o “desnorte da ética”, para evitar o “inverno na Igreja”. O Papa apelou ainda, dialeticamente, à orientação e ao controlo dos novos movimentos apostólicos, alguns longe da eclesialidade. Inesperadamente ou não, o Papa alemão foi buscar, num toca-e-foge, os temas fraturantes do divórcio, da humanização das vítimas do aborto e do arrasador casamento entre pessoas do mesmo sexo.

#### *Uma guitarra de carbono e uma T-shirt eletrónica*

No Porto - sentido - aguardava o Papa uma multidão vibrante nos cantos de 120 coros e três mil vozes. Uma multidão festiva a vitoriar a primeira missa de um Papa na história da Igreja portuense. Entre as ofertas de uma guitarra em fibra de carbono e uma *T-shirt* eletrónica para monitorizar clinicamente o coração, produzida na cor branca, o Papa empurrava delicadamente para a frente “a missão diocesana”, obra do bispo Manuel Clemente, prémio Fernando Pessoa. “Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter, de nosso e seguro”, avisou Bento XVI. “Seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo, que, aliás, só pode ser missionária. Já não podemos perder tempo depois de se ter alterado o quadro antropológico, social e religioso da humanidade”. Radical, o Papa Ratzinger, na Avenida dos Aliados: “O cristão na Igreja é um missionário de Cristo enviado ao mundo.”

#### *O pecado da barca como mote*

As nuvens negras do vulcão da Islândia não quiseram nada com o A320 da Alitalia, que trouxe a Portugal o Papa alemão. Uma viagem de coração nas mãos, à chegada e à partida, mas ganha contra uma imagem em baixa do inquilino do Vaticano. Vinte e quatro anos de porte duro na congregação para a Doutrina da Fé retiraram ao cardeal Ratzinger afetos, de parte a parte. E os cinco anos de pontificado que já leva não foram

ANTÓNIO MARUJO / MANUEL VILAS-BOAS / ROSÁRIO LIRA

suficientes ainda para reduzir o impacto mundial do seu antecessor. Portugal, ainda um dos mais religiosos países da Europa, deu a Bento XVI o palco de que necessitava. Por inteligência e oportunidade, o chefe da Igreja católica vedou a tempo, no avião, entre Fiumicino e Figo Maduro, em conversa com os jornalistas, qualquer campanha sobre a pedofilia do clero. Bastou que o sucessor de Pedro confessasse o pecado que mora no interior da barca. E até a face do ser desconhecido e pouco simpático se transfigurou. Mais sereno, o homem vestido de branco, preocupado com um anúncio consistente do Ressuscitado, deixou ao velho País da cristandade mais alento, força e uma dimensão mais vasta da esperança.

Esteve entre nós um Papa profundo na escrita, um teólogo eminente, mas simples e breve nas suas observações sobre a vida humana. Um iluminador do pensamento, de ideias claras e distintas.

Mas, custe a quem custar, estas visitas papais não deviam produzir estrondo físico. O chefe da Igreja católica devia preocupar-se mais com o *feedback* destas descidas sobre os países.

## Entre o previsto e o espontâneo

por ROSÁRIO LIRA, subdirectora da Informação da *Antena 1* (RTP)

A visita de Bento XVI a Portugal foi meticulosamente preparada para que o previsto produzisse o efeito desejado na altura certa, mas o que o Vaticano provavelmente não contava era que o acolhimento na recepção produzisse no Papa momentos espontâneos de alegria e emoção.

A presença de Bento XVI em Portugal aconteceu num momento de profunda exaltação mediática em torno do escândalo de pedofilia no interior da Igreja católica e antes da decisão do Presidente da República sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Por isso, foi necessário gerir estas duas situações e o Vaticano acabou por fazê-lo, escolhendo o momento certo para tomar posição.

Bento XVI “matou” o assunto pedofilia antes mesmo de aterrar em Lisboa, ao assumir de forma clara a existência do pecado da Igreja. Questionado pelos jornalistas através do seu porta-voz sobre a possibilidade de o sofrimento da Igreja de hoje, concretizado nos abusos sexuais contra os menores, integrar a visão de Fátima, o Papa assumiu que a maior perseguição da Igreja não vem de inimigos externos, nasce do pecado da Igreja e foi ainda mais longe ao acrescentar que o perdão não substitui a justiça.

Estes eram os esclarecimentos que se esperavam e que, sendo produzidos antes mesmo de iniciar a visita a Portugal, permitiram que a

polémica não fosse alimentada nos dias que se sucederam, concentrando assim as atenções nas outras mensagens que Bento XVI trazia a Portugal.

Foi uma excelente lição de habilidade política que o Vaticano, diga-se, nem sempre consegue concretizar, mas que aqui resultou.

Com este assunto fora do baralho, Bento XVI pode então avançar para as mensagens que queria deixar em Portugal e, em cada encontro houve um objetivo diferente.

Assim, para o encontro com o mundo da cultura ficou também o diálogo entre religiões, para as Vésperas, em pleno ano sacerdotal, o apelo aos padres para se apoiarem uns aos outros no esforço de evangelizar e para o encontro da Pastoral Social, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e o aborto. Este último ponto não foi tratado, segundo o seu porta-voz, nos encontros oficiais com José Sócrates e Cavaco Silva, mas foi abordado sem rodeios na presença da ministra da Saúde, sentada na primeira fila da igreja da Santíssima Trindade. O Papa lembrou que o matrimónio é indissolúvel e disse-o ao elogiar aqueles que lutam pela “tutela de valores essenciais e primários da vida, da conceção e da família fundada sobre o matrimónio indissolúvel de um homem e de uma mulher”, contra perigosos e insidiosos desafios que se colocam ao bem comum.

Para além das polémicas, aparentemente o Papa soube também ir ao encontro dos anseios da Igreja católica portuguesa, abordando problemáticas relacionadas com a situação socioeconómica e fê-lo exigindo às associações que trabalhem em conjunto com o Estado de uma forma transparente e pedindo aos bispos para que ajudem os mais carenciados.

Bento XVI foi em Portugal um Papa da atualidade, do momento, da clareza da palavra mas também foi um Papa que surpreendeu pelo gesto.

Vale a pena lembrar a missa em Lisboa e a forma como foi lendo a homilia. Bento XVI não interpela diretamente a assembleia como fazia João Paulo II mas, à medida que ia lendo, ia fazendo entoações que motivavam, como ele queria, reações de aplausos das pessoas ali presentes. Todas as missas tiveram as suas particularidades mas foi em Lisboa que o Papa mais interagiu com os fiéis, talvez motivado por um cenário propício, entre um céu azul de enormes nuvens brancas e um rio sereno que se estendia até ao Cristo de braços abertos.

Depois houve um outro momento em que o gesto suplantou a palavra. Foi na chegada a Fátima. Sentiu-se que Bento XVI estava em casa, tinha chegado a casa. E notou-se no contacto com as pessoas que o recebiam mas em particular na altura em que depois de entregar a Rosa de Ouro a Nossa Senhora de Fátima, se ajoelhou em frente da imagem na capelinha das aparições e rezou. Sentiu-se que estava ali numa comunhão completa,

ANTÓNIO MARUJO / MANUEL VILAS-BOAS / ROSÁRIO LIRA

perfeita. Foi preciso tocarem-lhe no ombro para o fazer sair daquele estado de transcendência divina.

Em Portugal, Bento XVI não foi apenas o Papa da palavra foi também o homem do gesto e o político que assumiu o pecado no interior da sua Igreja.

Nos meios de Comunicação Social, a visita do Papa teve uma audiência inicialmente não expectável. No caso da televisão, a RTP liderou as audiências nos dias 11, 12 e 13. E, os números falam por si: a missa na Praça do Comércio foi seguida por quase 900 mil pessoas.

Muitas vezes, entre si, os jornalistas perguntaram antes da visita se haveria exagero nos meios envolvidos e nos diretos previstos. Concluiu-se que afinal era mesmo isto que as pessoas queriam: acompanhar a visita de Bento XVI a Portugal. Mas porquê? Talvez porque não é todos os dias que um Papa vem a Portugal, talvez por curiosidade, talvez para estabelecer comparações com João Paulo II, talvez porque em momentos de crise económica e social o religioso se transforma na última instância de recurso, talvez porque os fiéis sejam seletivos nos momentos que escolhem para mostrar a sua fé, talvez por tudo isto!

O certo é que esta visita pode até não ficar na memória de todos mas, certamente, fica na memória que cada um de nós quiser guardar.